

IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A RELAÇÃO LÍNGUA-CULTURA NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

ANNA JÚLIA KARINI MARTINS¹; ISABELLA MOZZILLO²; BERNARDO LIMBERGER³

¹UFPEl – annajuliakarini@gmail.com

²UFPEl – isabellamozzillo@gmail.com

³UFPEl – limberger.bernardo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“A palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN, 2002, p. 36). A linguagem, ideológica em sua essência, constitui os seres e culturas e, também, pelos seres e culturas é constituída. Assim, toda prática social carrega em si dimensões culturais e discursivas (HALL, 1997, p. 33). Qualquer processo de ensino e aprendizagem, enquanto prática social, é constituído de dimensões culturais e discursivas e o ensino e aprendizagem de línguas (maternas ou estrangeiras) não é diferente. Ademais, por tratar de línguas (e linguagem), não poderia ser desassociado de seu caráter ideológico.

Dessa forma, não é viável propor um ensino de língua estrangeira¹ (LE) neutro e desvinculado de cultura. Além disso, deve-se atentar ao fato de que a sala de aula é mediada por línguas e, conseqüentemente, discursos que, de uma maneira ou outra, são ideológicos. Esses possíveis discursos e seus vieses ideológicos, no contexto de uma aula de LE, podem referir-se à língua-alvo (ou aos pares de línguas envolvidos) e, portanto, há um trânsito constante das chamadas ideologias linguísticas - crenças ou sentimentos sobre línguas, conforme utilizados em seus mundos sociais (KROSKRITY, 2004, p. 498). Também transitam nesse meio diversas crenças relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, visto que professores e alunos estão constantemente expressando suas opiniões sobre as melhores formas de ensinar e aprender, dentro e fora de sala de aula, entre si ou em outras interações.

Esses discursos e ideologias que circulam em ambientes de aprendizagem de línguas (por parte de professores e de alunos) constituem a experiência dos envolvidos e os levam a compreender a relação existente entre língua e cultura de determinada maneira. Essa compreensão, por sua vez, leva os sujeitos (professores ou alunos) a produzirem e reproduzirem ideologias dentro e fora do ambiente de aprendizagem.

A escolha ou preferência por aprender (ou ensinar) uma língua, sejam quais forem as motivações e justificativas para tal, é, em si, ideológica, visto que, muitas vezes, o que influencia tal escolha é o *status* da língua-alvo (e das nacionalidades e culturas conectadas à ela) na sociedade. E, tratando-se do

¹ Optei por utilizar o termo língua estrangeira (LE) não por desconhecer outros termos que aparecem na literatura de ensino de línguas (como, por exemplo, língua adicional), mas por enxergar que o termo “estrangeiro” não é, necessariamente, pejorativo. Afinal, o que se propõe é, de fato, ensinar e aprender a língua do Outro, o que não exclui a possibilidade de apropriar-se dela para seu próprio interesse e suas finalidades. Além disso, o termo “adicional” parece, de certo modo, desvalorizar a língua-alvo, como se fosse um conhecimento que é mero acessório: está ali, porém não é essencial.

ensino e aprendizagem de línguas hegemônicas² (e da relação dessas línguas com aspectos culturais), os sujeitos envolvidos em tal processo, por vezes, acabam por supervalorizar determinadas culturas (e os indivíduos inseridos em tais culturas) em detrimento de outras culturas ou, até mesmo, de sua própria.

Assim sendo, é importante que aprendizes e, principalmente, professores de língua estrangeira tenham consciência de seu papel político, estando atentos às ideologias linguísticas e aos posicionamentos e crenças a respeito da relação língua-cultura que fazem circular em sala de aula e para além dela. Essa atenção é necessária para que não haja um desequilíbrio que leve ao desprezo e/ou à glorificação dos Outros ou de si mesmo.

Como mencionado anteriormente, em ambientes de ensino e aprendizagem de LE, circulam crenças e opiniões sobre línguas, culturas e suas relações. Tais manifestações não são neutras, mas fundamentadas em ideologias linguísticas. Em decorrência disso, faz-se relevante observar quais ideologias linguísticas estão presentes nos discursos de professores e aprendizes ao posicionarem-se sobre a relação língua-cultura e sobre suas implicações em sala de aula, identificando, por exemplo, se, implícita ou explicitamente, acreditam que possa haver línguas e/ou culturas superiores umas às outras.

Dessa forma, os objetivos a serem alcançados com este trabalho são os seguintes: (1) Verificar como professores e aprendizes de diferentes línguas percebem a relação entre língua e cultura; (2) Extrair ideologemas³ a partir das ideologias identificadas e (3) Comparar os ideologemas extraídos a partir das ideologias linguísticas de professores e aprendizes e identificar suas similaridades e/ou diferenças.

2. METODOLOGIA

A coleta de dados deu-se através de dois questionários *online* (criados com a ferramenta *Google forms*): um direcionado a professores e outro direcionado a alunos de diferentes línguas, nos quais os sujeitos puderam expressar suas crenças e opiniões relacionadas à relação língua-cultura e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem. A intenção era que os participantes fossem professores de diferentes idiomas, com diferentes níveis de experiência e atuantes em diferentes contextos. O mesmo era o objetivo com os aprendizes: que fossem aprendizes de diferentes idiomas, com diferentes níveis de proficiência e que tivessem experienciado diferentes ambientes de ensino e aprendizagem. Assim sendo, é importante ressaltar que os alunos participantes da pesquisa não necessariamente frequentam ou frequentaram as aulas dos professores participantes.

A partir de uma análise qualitativa dos dados, pretendeu-se verificar de que maneira professores e aprendizes de diferentes línguas percebem a relação entre língua e cultura, extrair ideologemas a partir das ideologias linguísticas identificadas e compará-los, identificando similaridades e/ou diferenças entre os ideologemas extraídos a partir das respostas de professores e alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

² Línguas que, pelo poder político, econômico e cultural de quem as fala são vistas, de alguma forma, como superiores.

³ Lugares comuns, máximas, postulados que atuam como pressupostos no discurso (ARNoux; DEL VALLE, 2010).

Obtivemos, após divulgação e encaminhamento dos questionários, respostas de 23 professores de diferentes línguas estrangeiras e de 26 alunos, também de diferentes línguas estrangeiras. Apesar de os questionários serem compostos por outras perguntas, os ideogramas apresentados no presente trabalho foram extraídos a partir das respostas para o seguinte questionamento: “Na sua opinião, de que maneira os conceitos de língua e cultura se conectam ou desconectam?”.

Como esperado, os correspondentes percebem a relação entre língua e cultura de maneiras distintas. As respostas não só revelaram seus entendimentos sobre o relacionamento entre essas partes como, também, demonstraram, muitas vezes, as definições de “língua” e “cultura” subjacentes.

A partir das ideologias mobilizadas nas afirmações dos sujeitos, foi possível extrair três ideogramas nas respostas de professores de língua estrangeira e quatro ideogramas nas respostas de aprendizes de língua estrangeira. Tais ideogramas podem ser observados na tabela a seguir.

Quadro 1: Ideogramas: A Relação Língua-cultura Na Perspectiva De Professores e Alunos

Ideogramas: Professores	Ideogramas: Alunos
(1) Língua e cultura são indissociáveis.	(1) Cultura corresponde à realidade de uma determinada comunidade discursiva.
(2) A língua é o meio de expressão da cultura.	(2) Língua e cultura são indissociáveis.
(3) Cultura corresponde à realidade de uma determinada comunidade discursiva.	(3) A cultura determina o modo como a língua é utilizada.
----- ---	(4) A língua é o meio de expressão da cultura.

No quadro acima, os ideogramas foram numerados considerando a sua incidência. Dessa forma, os ideogramas de número (1), elencados em suas respectivas colunas, foram os que puderam ser extraídos com maior frequência dos comentários de professores e alunos. Observou-se que os ideogramas presentes nas afirmações de professores estão todos presentes, também, nas dos alunos, no entanto, suas frequências são distintas.

É importante ressaltar que não há relação direta entre os professores e aprendizes participantes da pesquisa e, sendo assim, estes alunos não necessariamente frequentam ou já frequentaram as aulas destes professores. Dessa maneira, não pode-se afirmar com veemência que a correspondência de ideogramas, apesar de diferentes incidências, deve-se ao fato dos professores mobilizarem ideologias que acabam por serem, conseqüentemente, mobilizadas pelos aprendizes. Contudo, ao considerarmos os dados de maneira mais ampla (supondo que a maioria dos professores mobilizaria ideologias que levariam aos mesmos ideogramas), a influência das crenças dos professores sobre as crenças dos alunos parece lógica.

Não parece haver uma explicação direta para o ideograma “Cultura corresponde à realidade de uma determinada comunidade discursiva” ser o mais



comum entre os aprendizes e, ao mesmo tempo, o menos comum no caso dos professores. No entanto, isso pode vir a demonstrar que, em suas práticas, o professor nem sempre transparece o que lhe é mais relevante. Nesse caso, por exemplo, é possível que o(s) professor(es) tenham dado mais atenção, em suas aulas, a aspectos culturais que remetem a determinados locais e às realidades de falantes nativos e menos atenção à indissociabilidade que enxerga entre as ideias de língua e cultura.

4. CONCLUSÕES

De modo geral, pode-se observar uma grande similaridade entre os posicionamentos de professores e de alunos a respeito da relação entre os conceitos de língua e cultura. Tal similaridade pôde ser identificada pois três - dos quatro - ideogramas extraídos das respostas dos alunos correspondem aos ideogramas identificados a partir das afirmações dos professores, sendo eles: (1) Língua e cultura são indissociáveis; (2) A língua é o meio de expressão da cultura e (3) Cultura corresponde à realidade de uma determinada comunidade discursiva. Isso expressa, de certa forma, a relevância das ideologias (linguísticas ou não) mobilizadas pelos professores em sala de aula e, conseqüentemente, a atenção e consciência que, idealmente, deve haver por parte dos educadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOUX, Elvira Narvaja de; DEL VALLE, José. Las representaciones ideológicas del lenguaje - Discurso glotopolítico y panhispanismo. **Spanish in Context**, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2010.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

HALL, Stuart. A CENTRALIDADE DA CULTURA: notas sobre as revoluções culturais de nossa tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 14-46, 1997.

KROSKRITY, Paul V. Language Ideologies. In: DURANTI, Alessandro (Ed.). **A Companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Blackwell, p. 496-517, 2004.